

## PROJETOS DE PREFÁCIOS DE *AS FLORES DO MAL*

por Grace Alves da Paixão<sup>1</sup>

**RESUMO:** O trabalho consiste na tradução dos quatro projetos de prefácios que Baudelaire escreveu para *As Flores do Mal*, cujos rascunhos foram publicados apenas postumamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Charles Baudelaire, *As Flores do Mal*, Crítica literária, Poesia, Tradução.

**ABSTRACT :** Le but de ce travail est faire la traduction des quatre projets de préfaces que Baudelaire a écrits pour *Les Fleurs du Mal*, dont les brouillons ont été publiés après sa mort.

**KEYWORDS:** Charles Baudelaire, *Les Fleurs du Mal*, Critique littéraire, Poésie, Traduction.

### APRESENTAÇÃO

Baudelaire não escreveu nenhum prefácio para a primeira edição de *As Flores do Mal* (1857). “Au Lecteur”, o primeiro poema, cumpria esse papel como um paratexto, porque trazia de maneira velada as justificativas para a temática da obra. Entretanto, diante da condenação judicial e da incompreensão de certo público leitor, o poeta quis preparar um prefácio para a segunda edição e depois para a terceira.

Os prefácios nunca ficaram prontos e só foram publicados postumamente da maneira como o autor os tinha deixado: rascunhos de um texto futuro, notas a serem desenvolvidas, desabafos de um poeta incompreendido. Ainda que a incompletude seja a marca desses textos, eles dizem muito sobre a estética e o pensamento baudelairiano.

Utilizamos o texto em francês da edição da Gallimard (1975, p. 181-186) coordenada por Claude Pichois. Esta tradução tentou manter a fidelidade ao texto original e como se trata de notas, não estranhe o meu leitor certas pontuações ou hesitações do texto.

Aos prefácios.

#### [I]

#### *Prefácio das Flores*

Não é para minhas mulheres, filhas ou irmãs que esse livro foi escrito; tampouco para as mulheres, filhas ou irmãs de meu vizinho. Deixo essa função àqueles que têm interesse em confundir as boas ações com a bela linguagem.

Eu sei que o amante entusiasta do belo estilo se expõe ao ódio das multidões. Mas nenhum respeito humano, falso pudor, coalizão ou sufrágio universal me obrigarão a falar o jargão incomparável desse século, nem a confundir a tinta com a virtude.

Poetas ilustres partilharam por muito tempo as províncias mais floridas do domínio poético. Pareceu-me aprazível, e tanto mais agradável porque a tarefa era mais difícil, extrair a *beleza* do Mal. Este livro, essencialmente inútil e absolutamente inocente, não teve outra razão senão me divertir e exercitar meu gosto ardente pelo obstáculo.

Alguns disseram-me que essas poesias poderiam causar o mal. Isto não me causou alegria. Outros, almas boas, que elas poderiam fazer o bem; e isso não me afligiu. O medo de uns e a esperança de outros me surpreenderam igualmente e apenas serviram para me provar de uma vez por todas que esse século tinha desaprendido todas as noções clássicas relativas à literatura.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo. Atualmente pesquisa as imagens femininas nas obras poéticas de Victor Hugo e Charles Baudelaire.

Apesar dos socorros que alguns pedantes célebres trouxeram à estupidez natural do homem, eu não teria jamais acreditado que nossa pátria pudesse caminhar com tal velocidade na via do *progresso*. Esse mundo adquiriu uma camada densa de vulgaridade que dá ao desprezo do homem espiritual a violência de uma paixão. Mas existem carapaças felizes que nem mesmo o veneno corroeria.

Eu tinha de início a intenção de responder às muitas críticas e, ao mesmo tempo, explicar algumas questões muito simples, totalmente obscurecidas pela luz moderna: o que é a Poesia? qual é sua função? a diferença entre o Bem e o Belo; a Beleza no Mal; que no homem o ritmo e a rima respondem às imortais necessidades de monotonia, de simetria e de surpresa; a adaptação do estilo ao sujeito; a fadiga e o perigo da inspiração, etc., etc.; mas eu tive a imprudência de ler essa manhã alguns jornais; de repente, uma indolência, do peso de vinte atmosferas, abateu-se sobre mim, e eu parei diante da pavorosa inutilidade de explicar qualquer coisa a quem quer que seja. Os que sabem me adivinhem, e para os que não podem ou que não querem compreender, eu acumularia explicações sem obter resultado.

### [II]

#### *Prefácio*

A França atravessa uma fase de vulgaridade. Paris, centro e irradiação da imbecibilidade universal. Apesar de Molière e Béranger, não teríamos jamais acreditado que a França iria tão fundo na via do *Progresso*. — Questões de arte, *terrae incognitae*. O grande homem é imbecil.

Meu livro pode ter feito o Bem. Não me aflijo por isso. Ele pode ter feito o Mal. Não me alegro por isso.

O objetivo da Poesia. Este livro não foi feito para minhas mulheres, filhas ou irmãs.

Atribuíram-me todos os crimes dos quais eu falava. Divertimento do ódio e do desprezo. Os Elegíacos são uns canalhas. *Et verbum Caro factum est*. — Ora o poeta não pertence a nenhum partido. Caso contrário, seria um simples mortal.

O Diabo. O pecado original. O Homem bom. Se vocês quisessem, seriam o favorito do Tirano. É mais difícil amar a Deus do que crer nele. Ao contrário, é mais difícil para as pessoas desse século acreditar no Diabo do que amá-lo. Todos o servem e ninguém acredita nele. Sublime sutileza do Diabo.

Uma alma de minha escolha. O cenário. Assim a novidade. A Epígrafe. D'Aurevilly. O Renascimento. Gérard de Nerval. Somos todos enforcados ou enforcáveis.

Eu tinha colocado alguns dejetos para agradar aos senhores jornalistas. Eles mostraram-se ingratos.

### [III]

— Como, por uma série determinada de esforços, o artista pode elevar-se a uma originalidade proporcional;

como a poesia aproxima-se da música por meio de uma prosódia cujas raízes mergulham mais fundo na alma humana do que indica qualquer teoria clássica;

que a poesia francesa possui uma prosódia misteriosa e pouco conhecida, como as línguas latina e inglesa;

por que razão todo poeta que não sabe exatamente quantas rimas tem uma palavra é incapaz de exprimir a mais simples ideia;

que a frase poética pode imitar (e por isso ela se liga à arte musical e à ciência matemática) a linha horizontal, a linha reta ascendente, a linha reta descendente; que ela pode subir direto ao céu, sem perder o fôlego, ou descer perpendicularmente ao inferno com a velocidade de todo seu peso; que ela pode seguir a espiral, descrever a parábola, ou o zigzague fazendo uma série de ângulos superpostos;

que a poesia se alia às artes da pintura, da cozinha e da cosmética pela possibilidade de exprimir toda sensação de suavidade ou de amargor, de beatitude ou de horror pelo cruzamento de tal substantivo com tal adjetivo, análogo ou contrário;

como, apoiado nos meus princípios e dispondo da ciência que me encarrego de lhe ensinar em vinte lições, todo homem torna-se capaz de compor uma tragédia que não será mais vaiada do que outra qualquer, ou de alinhar um poema do tamanho necessário para ser tão entediante quanto qualquer poema épico conhecido. Tarefa essa difícil de elevar-se em direção desta divina insensibilidade! Porque eu mesmo, apesar dos mais louváveis esforços, não soube resistir ao desejo de agradar meus contemporâneos, como o atestam em alguns momentos, colocados como um fardo, certas baixas adulações endereçadas à democracia, e até alguns dejetos destinadas a me fazer perdoar a tristeza de meu tema. Mas os senhores jornalistas mostrando-se ingratos com relação aos carinhos desse tipo, eu suprimi sua marca tanto quanto possível, nesta nova edição.

Que eu me proponho, para verificar de novo a excelência de meu método, a aplicá-lo em breve à celebração das alegrias da devoção e do êxtase da glória militar, mesmo que eu não as tenha jamais conhecido.

Nota sobre os plágios. — Thomas Gray. Edgar Poe (2 passagens). Longfellow (2 passagens). Stace. Virgílio (todo o trecho de Andrômaca). Ésquilo. Victor Hugo.

#### [IV]

#### Projeto de prefácio para *As Flores do mal* (a mesclar talvez com antigas notas)

Se existe alguma glória em não ser compreendido, ou a sê-lo muito pouco, eu posso dizer, sem me vangloriar, que por esse livrinho eu a adquiri e mereci ao mesmo tempo. Oferecido reiteradamente a diversos editores que o rejeitavam com horror, perseguido e mutilado, em 1857, por causa de um mal entendido estranhíssimo, lentamente renovado, crescido e fortificado durante alguns anos de silêncio, desaparecido novamente, graças à minha indolência, esse produto que discorda da *Muse des Derniers jours*, ainda reanimado por alguns toques violentos, ousa afrontar hoje pela terceira vez o sol da estupidez.

Não é culpa minha; é culpa de um editor insistente que se acha forte o suficiente para desafiar a aversão do público. «Este livro ficará como uma marca na sua vida», predizia, desde o começo, um de meus amigos que é um grande poeta. De fato, até hoje todos esses acontecimentos desagradáveis lhe deram razão. Mas eu tenho uma dessas felizes características que tiram alegria do ódio e que se glorificam no desprezo. Meu gosto diabolicamente apaixonado pela imbecilidade me faz achar prazeres particulares nos diversos matizes da calúnia. Casto como o papel, sóbrio como a água, devoto como aquela que comunga, inofensivo como uma vítima, não me desagradaria passar por libertino, ébrio, ímpio e assassino.

Meu editor afirma que haveria alguma utilidade, para mim e para ele, em explicar porque e como eu fiz esse livro, quais foram meus objetivos e meios, meus intuíto e método. Um tal trabalho de crítica teria sem dúvida algumas chances de divertir os espíritos apaixonados pela retórica profunda. Para esses, talvez eu o escreva mais tarde e publique uma dezena de exemplares. Mas, pensando bem, não parece evidente que isso seria uma tarefa

totalmente supérflua, para uns e para outros, já que uns sabem ou adivinham e outros não compreenderão nunca? Para inculcar no povo a compreensão de um objeto de arte, tenho grande medo do ridículo, e temeria, nessa matéria, igualar esses utópicos que querem, por um decreto, tornar todos os franceses ricos e virtuosos ao mesmo tempo.

E depois, minha melhor razão, a suprema, é que isso me entedia e me desagradava. Por acaso conduzimos as pessoas aos ateliês da modista ou do decorador, ao camarim da comedianta? Mostramos ao público, afobado hoje, indiferente amanhã, o mecanismo das coisas? Explicamos-lhe os retoques e as variantes improvisadas nos ensaios, a que ponto o instinto e a sinceridade estão misturados nas rubricas e no charlatanismo indispensável ao amálgama da obra? Revelamos-lhe todos os artifícios, as polias, as correntes, os trapos, os arrependimentos, as provas mal pintadas, em suma, todos os horrores que compõem o santuário da arte?

Aliás essa não é, hoje, a minha disposição. Eu não desejo demonstrar, nem surpreender, nem divertir, nem persuadir. Tenho minhas crises nervosas, minhas perturbações. Aspiro um repouso absoluto e uma noite contínua. Cantor das volúpias loucas do vinho e do ópio, tenho sede apenas de um licor desconhecido sobre a terra, e que nem mesmo a farmácia celeste poderia me oferecer, — um licor que não conteria nem a vida/vitalidade, nem a morte, nem a excitação, nem o nada. Nada saber, nada ensinar, nada querer, nada sentir, dormir e ainda dormir, tal é hoje meu único desejo. Desejo infame e desprezível, mas sincero.

Entretanto, como um gosto superior nos ensina a não temer nos contradizer um pouco a nós mesmos, reuni, no fim desse livro abominável, os testemunhos de simpatia de alguns homens que eu prezo mais, para que um leitor imparcial possa inferir a partir deles que não sou de forma alguma digno de excomunhão e que tendo conseguido me fazer amar de alguns, meu coração, ainda que o tenha dito já nem sei mais qual pasquim, não tem talvez “a monstruosa feiúra de minha face”.

Enfim, por uma generosidade incomum, da qual os senhores críticos...

Como a ignorância vai crescendo...

Eu mesmo denuncio as imitações...

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço as sugestões Professora Doutora Gloria Carneiro do Amaral, que me ajudou a rever a tradução inicial.

Agradeço também a amiga Mônica Fernanda Rodrigues Gama, que me incentivou a encarar esse trabalho nada fácil, mas muito instigante.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

PICHOIS, Claude. “Reliquat et Dossier des Fleurs du Mal”. In: BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres Complètes I*. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1975, p. 181-186.